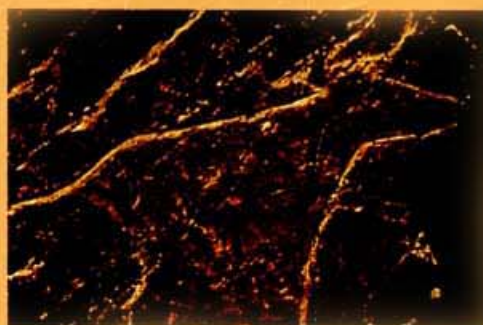




ARTE RUPESTRE E PRÉ-HISTÓRIA DO VALE DO CÔA

TRABALHOS DE 1995-1996

RELATÓRIO CIENTÍFICO AO GOVERNO
DA REPÚBLICA PORTUGUESA ELABORADO
NOS TERMOS DA RESOLUÇÃO DO CONSELHO
DE MINISTROS Nº 4/96, DE 17 DE JANEIRO



ARTE RUPESTRE E PRÉ-HISTÓRIA DO VALE DO CÔA

TRABALHOS DE 1995-1996

RELATÓRIO CIENTÍFICO AO GOVERNO
DA REPÚBLICA PORTUGUESA ELABORADO
NOS TERMOS DA RESOLUÇÃO DO CONSELHO
DE MINISTROS Nº 4/96, DE 17 DE JANEIRO

COORDENAÇÃO
João Zilhão



Ministério da Cultura

Edição

MINISTÉRIO DA CULTURA

Copyright

MINISTÉRIO DA CULTURA / INSTITUTO PORTUGUÊS
DO PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO E ARQUEOLÓGICO

Coordenação

JOÃO ZILHÃO

Autores

ANTÓNIO FAUSTINO DE CARVALHO

ANTÓNIO MARTINHO BAPTISTA

FERNANDO ALMEIDA

JOÃO ZILHÃO

JOSÉ MEIRELES

MÁRIO VARELA GOMES

THIERRY AUBRY

Os artigos em anexo são reproduzidos com a autorização
dos autores e de *Antiquity Publications Ltd.*

Assistentes da equipa de arte rupestre

CRISTINA GASPAR

FERNANDO BARBOSA

JOÃO FÉLIX

MANUEL ALMEIDA

Assistentes da equipa de arqueologia

CARLA MAGALHÃES

JORGE SAMPAIO

Design Gráfico

TVM DESIGNERS

Pré-impressão, impressão e acabamento

GRÁFICA MAIADOURO

TIRAGEM: 1000 EXEMPLARES

ISBN: 972-8087-37-3

DEP. LEGAL Nº: 112 282/97

1ª EDIÇÃO

ABRIL DE 1997

2ª EDIÇÃO

ABRIL DE 1998

SÚMULA DOS RESULTADOS CIENTÍFICOS

João ZILHÃO <i>Parque Arqueológico do Vale do Côa</i>	Contexto geoarqueológico	13
	Datação da arte rupestre pré-histórica	16
	A arte paleolítica	18
	Importância científica e patrimonial	28

GEOLOGIA

José MEIRELES <i>Universidade do Minho</i>	O Quaternário do Vale do Côa	41
Fernando ALMEIDA <i>Universidade de Aveiro</i>	Prospecção geofísica de depósitos quaternários	55

ARQUEOLOGIA

Thierry AUBRY	Cartografia arqueológica	77
António Faustino CARVALHO	Quinta do Vale do Meão	116
João ZILHÃO <i>Parque Arqueológico do Vale do Côa</i>	Quinta da Granja	120
	Quinta da Barca	128
	Quinta da Barca Sul	144
	Salto do Boi - Cardina I	161
	Quebradas	183
	Fumo	195

ARTE RUPESTRE

António Martinho BAPTISTA <i>Parque Nacional da Peneda-Gerês</i>	Introdução	213
Mário Varela GOMES <i>Academia Portuguesa de História</i>	Canada do Inferno	217
	Rego da Vide	255
	Ribeira de Piscos	307
	Penascosa	325

ANEXOS

	<i>Datação directa</i>	
Robert G. BEDNARIK	<i>The Côa petroglyphs: an obituary to the stylistic dating of Palaeolithic rock-art</i>	411
João ZILHÃO	<i>The age of the Côa valley (Portugal) rock-art: validation of archaeological dating to the Paleolithic and refutation of 'scientific' dating to historic or proto-historic times</i>	417
Fred M. PHILLIPS, Montgomery FLINSCH, David ELMORE & Pankaj SHARMA	<i>Maximum ages of the Côa valley (Portugal) engravings measured with Chlorine-36</i>	436
Ronald I. DORN	<i>Constraining the age of the Côa valley (Portugal) engravings with radiocarbon dating</i>	441
	<i>Parecer</i>	
	<i>Avis de la Comissão Internationale d'Experts</i>	454

Contexto geoarqueológico

Cronologia do entalhe fluvial

História da ocupação humana do vale

Datação da arte rupestre pré-histórica

Periodização

Improcedência da «datação directa» das gravuras

A arte paleolítica

Localização geográfica e agrupamentos

Inserção regional

Estimativas de quantidade

Técnicas de gravação

Pintura e gravura

Particularismos e inovações

Significado das sobreposições

Diversidade da implantação topográfica

Importância científica e patrimonial

SÚMULA DOS RESULTADOS CIENTÍFICOS

Cronologia do entalhe fluvial

Na zona do vale do Côa em que se situam os núcleos de gravuras de Penascosa e Quinta da Barca, o rio corre à cota de 130 m; 9 km a jusante situa-se a confluência com o Douro, a qual, antes do enchimento da albufeira do Pocinho, se situava à cota de 100 m. O encaixe quaternário nas superfícies de aplanamento adjacentes é assim, no baixo Côa, de cerca de 350 m.

Os trabalhos geológicos permitiram identificar, neste troço do vale, um terraço plistocénico de cerca de 40 m: o da Quinta da Barca-Quinta da Erva-moira. Este nível é correlacionável com o de cota idêntica existente no Douro, onde foi reconhecido na Quinta da Granja, a montante da confluência com o Côa, e na Quinta do Vale do Meão, a jusante. Os trabalhos arqueológicos realizados nestes dois sítios permitiram detectar indústrias acheulenses, as quais, na Península Ibérica, deixaram de ser fabricadas há cerca de 90 000 anos. Admitindo para as duas ocupações acheulenses a mais recente cronologia possível, a sua localização implica, mesmo assim, que o encaixe do rio para cotas inferiores à representada por este nível de terraços é seguramente anterior ao início da última fase do Plistocénico, há cerca de 100 000 anos.

Os trabalhos arqueológicos, por sua vez, levaram ao reconhecimento de outros dois níveis de terraços plistocénicos mais baixos: o do Salto do Boi é de cerca de 25 m; o da Quinta da Barca Sul é de cerca de 6 m. Ambos estão fossilizados por sequências quaternárias que contêm importantes vestígios de ocupação humana. A datação destas últimas permite atribuir ao encaixe do rio para cotas inferiores as cronologias mínimas de cerca de 25 000 e de cerca de 10 000 anos, respectivamente.

Na Penascosa, a datação OSL das aluviões que formam a praia existente no local, levada a cabo em 1995, no quadro do projecto de «datação directa» da arte do Côa empreendido pela EDP, forneceu resultados de cerca de 1000 BP para uma amostra situada a cerca de 1 m de profundidade, e de 4000 a 6000 BP para uma amostra situada a cerca de 2,5 m de profundidade, isto é, cerca de 0,5 m acima da rocha de base.¹ O primeiro resultado é equivalente ao obtido, pelo método do ¹⁴C, para uma amostra de madeira carbonizada colhida num horizonte orgânico de cota idêntica exposto num corte geológico aberto na mesma formação sedimentar, um pouco mais a jusante, no Verão de 1995, pela equipa que elaborou o presente estudo. As aluviões grosseiras que constituem esta barra lateral do Côa começaram a acumular-se, assim, há cerca de 6000 anos, datação que fornece, portanto, uma idade mínima para o encaixe actual do vale.

No quadro do acima referido projecto de «datação directa», foi igualmente levada a cabo a datação pelo ³⁶Cl da idade de exposição à radiação cósmica das superfícies xistosas, isto é, a cronologia da respectiva exposição por clivagem. Na Ribeira de Piscos, foram analisadas três superfícies verticais situadas na margem do leito de cheia da ribeira, uma das quais gravada (a Rocha 1), e obtiveram-se resultados compreendidos entre 170 000±34 000 e 91 000±9400 BP. Na Penascosa, a idade de exposição obtida pelo mesmo método para a superfície da Rocha 3, situada cerca de 10 m acima do rio, foi de 136 000±70 000 BP.²

¹ WATCHMAN, A. — *Dating the Foz Côa Engravings*, relatório à EDP, Junho de 1995. Estes resultados são igualmente discutidos no artigo de R. Bednarik incluído em anexo, no qual o autor resume os argumentos (baseados nos dados obtidos por ele próprio, por Watchman e por R. Dorn) segundo os quais a «datação directa» teria demonstrado a cronologia recente da arte do Côa. A refutação desses argumentos pode encontrar-se no artigo de J. Zilhão igualmente anexo.

² PHILLIPS, F. M. et al., artigo anexo.

Este conjunto de resultados é inteiramente coerente, e indica:

- que o encaixe do Côa no seu actual leito data de há cerca de 100 000 anos, pelo menos;
- que, desde essa época, o fundo do vale teve uma história caracterizada pela alternância entre fases de acumulação e fases de erosão;
- que, dada a inexistência na praia da Penascosa de vestígios, sedimentares ou artefactuais, contemporâneos do Paleolítico Superior, a última fase erosiva terá tido lugar num momento posterior ao final deste último, há cerca de 10 000 anos, mas anterior a cerca de 6000 BP, quando começou a actual fase de acumulação;
- que, à data do início do Paleolítico Superior, há cerca de 30 000 anos, já existiam as superfícies xistosas que vieram a ser gravadas.

História da ocupação humana do vale

Os mais antigos vestígios de povoamento da região revelados pela prospecção e escavação de contextos arqueológicos contendo conjuntos artefactuais de cronologia determinável são atribuíveis ao Paleolítico Inferior, há 100 000 anos ou mais. A fase seguinte, o Paleolítico Médio, ainda não foi documentada. O Paleolítico Superior é actualmente conhecido, de forma segura, em quatro jazidas: Quinta da Granja, Quinta da Barca, Quinta da Barca Sul e Salto do Boi. Nestas quatro jazidas detectaram-se vestígios de ocupação pertencentes a duas épocas distintas: o final do Gravettense, entre cerca de 23 000 e cerca de 21 000 BP; e o Magdalenense superior/final entre cerca de 12 000 e cerca de 10 000 BP.*

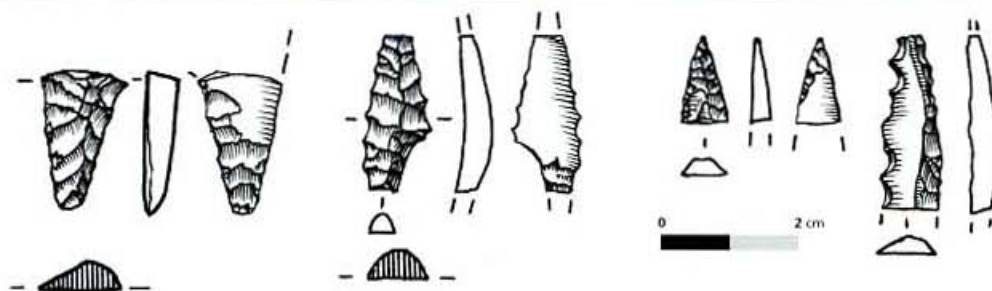
Não são actualmente conhecidos no vale do Côa quaisquer vestígios de ocupação atribuíveis ao período subsequente (o Mesolítico), à semelhança, aliás, do que sucede em todo o interior peninsular, cujo repovoamento, protagonizado pelas primeiras comunidades agro-pastoris da bacia mediterrânica, só volta a ter lugar a partir de cerca de 6000 BP. Em Trás-os-Montes, a ocupação do território, desde esse momento, por grupos humanos baseados no novo sistema de produção, está bem documentada pelos artefactos e pelos restos de cereais datados pelo ^{14}C do Buraco da Pala (Mirandela). No vale do Côa, o sítio das Quebradas forneceu vestígios de um povoado cujos habitantes eram portadores de cerâmica idêntica e cuja antiguidade deverá ser, portanto, semelhante. O repovoamento da bacia do Côa por grupos de agricultores constitui, aliás, a causa provável do início da fase de sedimentação por que actualmente passa o fundo do vale: a deflorestação ligada à criação de campos de cultivo e de pastos desestabilizou os solos que se haviam instalado nas vertentes declivosas da zona no início do Holocénico, precipitando a respectiva erosão e subsequente acumulação coluvial ou aluvial. O processo haveria de continuar durante as fases seguintes da Pré-História e da Proto-História (Calcolítico e Idades do Bronze e do Ferro), também já documentadas na região, por sítios arqueológicos (como os povoados do Castelo Velho, Freixo de Numão, ou do Fumo, Almendra) ou pelas fontes escritas.

A distribuição dos sítios paleolíticos actualmente conhecidos, tanto no que respeita a habitats como a ocorrências de arte rupestre, mostra uma concentração ao longo dos principais cursos de água, o Côa e o Douro. Na Pré-História

Em Março de 1997, já após a entrega oficial deste relatório, foi descoberta e sondada uma nova jazida do Paleolítico Superior: Olga Grande Sul. Situa-se entre Almendra e Algodres, na cabeceira da Ribeirinha, o afluente da margem direita que desagua no Côa junto aos sítios de arte rupestre de Penascosa e Quinta da Barca.

Num nível arqueológico situado entre cerca de 30 e cerca de 60 cm de profundidade, em areias graníticas, foram recolhidos abundantes vestígios de um acampamento do Solutrense superior, período que data de há cerca de 18 000 anos.

É a esta época que, com base em critérios estilísticos, deverá pertencer parte considerável da arte paleolítica do Côa.



Olga Grande Sul. Indústria solutrense. Da esquerda para a direita: pedúnculo de grande ponta crenada; ponta crenada; extremidade distal de ponta crenada; lamela de dorso denticulada.

recente, a distribuição dos sítios inverte-se: a grande maioria das ocorrências localiza-se nas áreas planálticas entalhadas pelo vale, embora a frequência da beira-rio continue a ser atestada por achados isolados que, provavelmente, documentam instalações de uso esporádico relacionadas com a execução de tarefas extractivas (pesca, caça, pastoreio, cultivo de pequenas parcelas).

No próprio vale do Côa, todos os habitats paleolíticos detectados estão situados no troço do vale compreendido entre Quinta da Barca e Salto do Boi. Esta concentração não é aleatória, mas também não pode ser interpretada como imagem fidedigna do passado. Ela resulta, com efeito, da natureza mais branda do substrato (os metagrauvaques da formação de Rio Pinhão), que facilitou a formação de terraços rochosos sobre os quais, após o encaixe do rio, se puderam acumular sequências sedimentares que preservaram os vestígios de ocupação humana. A jusante, a litologia diferente, a forte erosão sofrida pelos terraços mais antigos (nível de 40 m da Quinta da Barca-Quinta da Ervamoira), e o impacto antrópico (extensas plantações mecanizadas de vinha) não permitiram, aparentemente, uma preservação tão boa de testemunhos sedimentares da paisagem plistocénica do vale. A realização de achados isolados em pontos diversos (como, por exemplo, na zona da Quinta da Cascalheira) mostra, porém, que o troço entre Ribeira de Piscos e Quinta da Barca também foi frequentado pelo homem durante o Paleolítico Superior. A submersão do fundo do vale para jusante, finalmente, não permitiu realizar a prospecção de eventuais vestígios de habitat paleolítico no troço final, até à foz, onde se situa a maioria dos conjuntos de arte rupestre actualmente conhecidos.

As características dos habitats paleolíticos, nomeadamente no que respeita ao mais importante, o de Cardina I (Salto do Boi), sugerem:

- a frequentação dos locais por grupos humanos de pequena dimensão;
- ocupações de carácter recorrente, originando a formação de densos palimpsestos de vestígios líticos, geralmente associados a construções destinadas a melhorar as condições de habitabilidade (pavimentos de seixos e lajes de xisto) e apresentando variações laterais das sequências estratigráficas;
- a realização tanto de tarefas domésticas (trabalho das peles e da madeira) como de tarefas logísticas (manutenção do equipamento de caça);
- a existência de redes de troca envolvendo vastas áreas geográficas, como se depreende da utilização de matérias-primas líticas cujas fontes mais próximas se situam a distâncias superiores a 100 km (caso do sílex ou da calcedónia) e que são muito raras nos contextos em que estão representadas economias sedentárias da Pré-História recente.

DATAÇÃO DA ARTE RUPESTRE PRÉ-HISTÓRICA

Periodização

As primeiras manifestações artísticas da humanidade datam do início do Paleolítico Superior, o qual, nas regiões peninsulares situadas a sul do Ebro, começou há cerca de 30 000 anos. Todas as épocas subseqüentes de ocupação do vale documentadas pela arqueologia estão igualmente representadas na arte rupestre.

A arte mais antiga, e também, no estado actual dos conhecimentos, a mais abundante, é a paleolítica. Todos os critérios correntemente utilizados em História de Arte concordam em considerar como datando desta época as figurações animalistas do Côa cujo estilo naturalista é em tudo semelhante ao das que desde há mais de um século têm vindo a ser descobertas em centenas de grutas e abrigos do Sudoeste da Europa e que, nos últimos anos, puderam (no caso das pinturas em que se usaram pigmentos orgânicos e da arte móvel sobre suporte ósseo) começar a ser datadas directamente pelo radiocarbono, com resultados que confirmaram de modo inquestionável essa cronologia. Entre esses aspectos comuns contam-se, nomeadamente:

- os motivos animalistas representados (cavalo, auroque, cabra-montês, veado), exactamente os mesmos que se encontram na arte paleolítica de regiões europeias paleoecologicamente idênticas (Sul de Espanha, por exemplo), e de que estão totalmente ausentes os animais domésticos (galinhas, ovelhas, porcos, etc.);
- as convenções utilizadas na representação — dimensão das figuras (entre cerca de 50 cm e cerca de 2 m), perspectiva lateral do corpo e torcida ou semitorcida das armações, linhas cervico-dorsais sinuosas, ventres «grávidos», ausência de linha de solo, etc.;
- a ausência de representações de plantas, de astros, dos acidentes do relevo, da hidrografia, ou de cenas com participação activa de seres humanos (caçadas, danças, etc.).

A pátina dos sulcos gravados, idêntica à dos suportes rochosos, bem como as numerosas fracturas posteriores à execução das gravuras apresentadas por esses suportes, constituem outros tantos indícios da antiguidade das representações e, por outro lado, excluem a hipótese de falsificação moderna. Por outro lado, verificou-se a existência de alguns casos de sobreposição entre gravuras estilisticamente paleolíticas e gravuras cuja época mais recente era determinável com segurança pela natureza das próprias representações. São exemplos, nomeadamente:

- a Rocha 22 da Canada do Inferno, em que há sobreposição entre gravuras religiosas contemporâneas (antropomorfos e cruciformes) e uma cabeça de cavalo de estilo paleolítico;
- uma rocha do sítio da Vermelhosa, já sobre o Douro, em que há sobreposição entre um guerreiro montado a cavalo ostentando armas típicas da Idade do Ferro e um cervídeo de estilo paleolítico.

Em todos esses casos, verificou-se:

- que a análise da ordem de execução dos traços confirmava que as gravuras de estilo paleolítico eram as mais antigas;
- que a sobreposição só se verificava em casos onde a patinação da gravura de estilo paleolítico tornava difícil a respectiva leitura; regra geral, como é bem patente na *Canada do Inferno*, o ordenamento espacial dos motivos revela que, quando utilizaram as mesmas superfícies, os artistas de época mais recente preencheram o espaço deixado vago no quadro das fases de gravação estilisticamente anteriores;³
- que a análise da alteração superficial dos sulcos gravados mostrava uma diferença considerável entre as estilisticamente paleolíticas, muito patinadas, e as mais recentes, pouco ou nada patinadas.

A rocha da Vermelhosa é especialmente importante neste contexto. Apesar de já ter cerca de 2500 anos, a figura da Idade do Ferro apresenta-se ainda bastante fresca, com sulcos de cor esbranquiçada que contrastam fortemente com o suporte castanho-avermelhado. Pelo contrário, a de estilo paleolítico apresenta-se com uma pátina que a torna cromaticamente indiferenciável do fundo rochoso. Esta diferença de pátina implica para a última uma antiguidade várias ordens de grandeza superior, em conformidade com a sua atribuição estilística ao Magdalenense antigo (cerca de 16 000 BP).

É no mesmo sentido que aponta a conjugação destas observações com os resultados da datação das superfícies rochosas pelo método do ³⁶Cl. Destas últimas se depreende uma grande estabilidade da paisagem regional e a vigência de taxas de erosão negligenciáveis, em consequência da textura muito fina dos xistos, do facto de as faces de clivagem expostas serem perpendiculares aos planos de xistosidade, e do equilíbrio termodinâmico existente entre os minerais argilosos do xisto e o ambiente à superfície da rocha.⁴ Neste contexto de erosão quase nula e de grande estabilidade química dos painéis gravados, um grau elevado de patinação das figuras pode ser considerado, só por si, como indicador suficiente da sua grande antiguidade.

Os mesmos critérios de análise comparativa permitem atribuir a épocas mais recentes da Pré-História e da Proto-História diversos conjuntos de gravuras (e também pinturas). Os antropomorfos esquemáticos e os cervídeos subnaturalistas dos abrigos da Faia, por exemplo têm paralelo, em Portugal e no Sul de Espanha, na cerâmica impressa neolítica, na arte megalítica ou em abrigos rupestres com vestígios de ocupação datados pelo radiocarbono.

Improcedência da «datação directa» das gravuras

A cronologia das figuras de estilo paleolítico da arte do Côa foi contestada por dois autores, A. Watchman e R. Bednarik, com base em análises por eles realizadas a convite da EDP.⁵ A refutação desses resultados foi feita oportunamente, com satisfação plena da comunidade científica, em particular no que respeita ao carácter improcedente das análises por microerosão, absolutamente inaplicáveis no caso do Côa.⁶ Subsequentemente, um dos autores envolvidos no projecto de «datação directa» R. Dorn produziu ele próprio evidência

³ No caso das gravuras executadas nos anos 40 e 50 deste século pelos moleiros que frequentavam as margens do Côa e do Douro, esse respeito pôde ser confirmado por testemunhos orais dos próprios artistas, nomeadamente do sr. Alcino Tomé. Em declarações prestadas à equipa do Parque, em Novembro de 1996, o sr. Tomé, um dos mais prolíficos artistas populares do Côa, não só confirmou que ele e os colegas conheciam muito bem a arte paleolítica do vale (embora sem reconhecer o seu significado histórico), como, inclusivamente, referiu que essa mesma arte tinha constituído a fonte de inspiração que os havia levado a executar as suas próprias gravuras (nomes e datas, representações do sol e da lua, do comboio atravessando a ponte ferroviária na foz do Côa, de castelos, de peixes e aves do rio, etc.), as quais, naturalmente, reflectem o universo da mentalidade e da vida quotidiana da época.

⁴ Phillips *et al.*, artigo anexo.

⁵ cf. Bednarik, artigo anexo.

⁶ cf. Zilhão, artigo anexo, bem como as numerosas tomadas de posição enviadas ao governo português e parcialmente publicadas no *Dossier Côa* (Porto, Sociedade Portuguesa de Antropologia e

experimental que confirma a validade das objecções de natureza metodológica igualmente levantadas, no quadro da acima referida refutação, à aplicação do radiocarbono para a determinação da idade das gravuras (pela via indirecta da datação das películas sedimentares e litoquímicas associadas aos painéis decorados).⁷ O seu estudo confirmou nomeadamente que:

- a formação das películas siliciosas cortadas pelos sulcos gravados é de cronologia irrelevante para o estabelecimento da datação das gravuras; essas películas são o resultado de processos geoquímicos extremamente complexos e, de um modo geral, começam a cobrir as superfícies de clivagem à medida que estas se vão formando, ainda no interior da rocha, antes do momento final de separação por fractura que realiza a respectiva exposição;
- a partir do momento em que essa exposição é realizada, as películas siliciosas em causa são afectadas pelos processos geoquímicos decorrentes da colonização das superfícies rochosas por microrganismos diversos (líquenes, musgos, etc.); em consequência, do ponto de vista da química do carbono, não constituem sistemas fechados, e a determinação dos rácios entre os isótopos ^{12}C e ^{14}C aprisionados no seu interior não é passível de transformação directa em medidas de idade;
- a aplicação de parâmetros correctivos experimentais aos teores de ^{14}C calculados nestes sistemas abertos indica que «idades máximas» aparentes da ordem dos 5000 BP, como as obtidas para as gravuras da Rocha 1 de Ribeira de Piscos, devem corresponder, na prática, a «idades máximas» reais superiores a 20 000 anos, em total conformidade com os resultados do ^{36}Cl e as conclusões da análise estilística.

A ARTE PALEOLÍTICA

Localização geográfica e agrupamentos

O mapa de distribuição das rochas gravadas com motivos de época paleolítica actualmente conhecidas no baixo Côa indica a existência de três manchas bem diferenciadas separadas por grandes espaços vazios: a mancha da Faia, que corresponde a ocorrências discretas em contexto geomorfológico distinto (abrigo granítico); a da Quinta da Barca-Penascosa, 8 km a jusante; e a do canhão terminal, que se inicia outros 3 km mais adiante, junto à foz da ribeira da Piscos (e se prolonga pelo Douro abaixo, ao longo de todos os afluentes da margem esquerda a jusante da confluência dos dois rios que já foram prospectados).

A existência do primeiro destes espaços vazios tem seguramente uma explicação tafonómica. A mancha de Quinta da Barca-Penascosa está situada na fronteira meridional das rochas da formação de Desejosa; para montante, os xistos deixam de oferecer a paisagem de superfícies escarpadas verticais, resistentes à erosão, tão característica dos troços do vale situados mais a jusante. A ausência de rochas gravadas é uma consequência directa desta mudança: seja porque, nesta zona, os artistas não dispunham de painéis apropriados e,

⁷ cf. Dorn, artigo anexo.

portanto, ela nunca chegou a ser objecto da sua intervenção artística; seja porque, aqui, as superfícies rochosas eventualmente gravadas no passado não resistiram à erosão e os vestígios dessa intervenção foram entretanto apagados pela passagem do tempo.

Dois factos indicam que a segunda alternativa será talvez a mais verosímil:

- o achado, nos níveis gravettenses da jazida do Salto do Boi, de colorantes amarelos e vermelhos do tipo dos usados nas pinturas parietais paleolíticas do Sudoeste europeu constitui indício seguro, embora indirecto, da existência de actividades artísticas nas zonas do vale a montante da Quinta da Barca;
- excluindo a Faia, onde a arte pré-histórica conhecida já não é estritamente rupestre, mas de abrigo, e onde as condicionantes ligadas à conservação/destruição são por isso totalmente diferentes, a distribuição das gravuras rupestres de todas as épocas actualmente conhecidas no baixo Côa e no troço adjacente do Douro faz-se exclusivamente no interior da mancha litológica correspondente à formação da Desejosa.

A análise da situação existente nos cerca de 6 km do canhão terminal é dificultada pela submersão do fundo do vale pela albufeira do Pocinho. Não é ainda claro, de momento, se estamos perante uma distribuição contínua, em que os conjuntos actualmente conhecidos (Piscos, Fariseu, Vale de Figueira, Canada do Inferno, Rego da Vide, Canada do Amendoal, Vale de Moinhos, Broeira) representam somente a ponta do icebergue; ou se, pelo contrário, se trata de uma distribuição discreta, em que as descontinuidades observadas a cota superior à do nível do Pocinho reflectem de forma fidedigna a situação vigente no fundo do vale.

A resolução desta questão só poderá ser abordada quando a albufeira do Pocinho voltar a ser esvaziada, permitindo uma prospecção sistemática das margens submersas. As observações que foi possível fazer das últimas vezes que isso aconteceu, em 1995, sugerem a existência de descontinuidades reais. Ao mesmo tempo, porém, verificou-se igualmente que, neste troço do vale, as escarpas rochosas foram objecto de uma exploração bastante intensiva para extracção de pedra, pelo que quaisquer estudos futuros terão necessariamente que ter como um dos seus objectivos fundamentais a análise da influência que as modernas intervenções antrópicas de impacto paisagístico importante terão tido nos padrões de distribuição detectados. Os elementos actualmente disponíveis indicam, porém, que um aspecto fundamental dessa distribuição não deverá vir a sofrer modificação significativa: a sua ausência dos interflúvios ou, dito de outra forma, a sua distribuição exclusiva ao longo dos cursos de água.

A situação vigente nas encostas do Douro e afluentes, a jusante da foz do Côa, é um excelente exemplo da necessidade de ter em conta o factor antrópico na análise da distribuição das rochas gravadas. Os conjuntos conhecidos situam-se todos na margem esquerda, em terras de olival e amendoal; nas zonas contíguas de litologia e topografia semelhante para onde, nos últimos anos, se estendeu a plantação extensiva, mecanizada, da vinha, não se conhece qualquer manifestação artística. A explicação é simples e óbvia: a escavação de soccos destrói todos os afloramentos rochosos e, com eles, a arte rupestre a que eventualmente serviam de suporte.

Inserção regional

Descontando os aspectos ligados à intervenção antrópica, nos terrenos do Alto Douro em que aflora a formação da Desejosa, e onde as condições ambientais presentes e passadas são e foram idênticas às vigentes no vale do Côa, a invocação de factores tafonómicos para explicar a ausência de manifestações artísticas paleolíticas não é, em princípio, legítima, pelo menos à escala regional. As prospecções preliminares já efectuadas, no entanto, parecem indicar que a distribuição dessas manifestações se encontra confinada ao vale do Douro, com penetrações muito pouco profundas pelos seus pequenos afluentes. Confirmam-no:

- pela positiva, os sítios de Vale da Casa, Vale Cabrões, Vermelhosa e Vale de José Esteves, a jusante da foz do Côa, bem como, segundo informações por confirmar obtidas junto dos habitantes locais, os sítios submersos junto à foz da ribeira de Aguiar, ou, ainda mais a montante, o sítio de Mazouco, junto à foz da ribeira de Albugueira;
- pela negativa, a não detecção de sítios nem no curso da ribeira da Teja (objecto de um estudo de impacto ambiental relacionado com a construção de uma mini-hídrica que foi efectuado já posteriormente à divulgação da arte do Côa e em que os prospectores⁸ tiveram a preocupação de realizar uma busca sistemática de eventuais ocorrências do mesmo tipo) nem, aparentemente, na ribeira de Aguiar (excluindo a foz).

A única excepção, em território português, parece ser a representada pelo Côa, onde a arte paleolítica penetra rio acima mais de 17 km e onde, por isso mesmo, já não pode ser considerada como simples apêndice de um sistema com eixo no Douro. A outra excepção, esta já em território espanhol, mas muito próximo da fronteira, é a do Águeda, onde se situa a importantíssima jazida de Siega Verde,⁹ com cerca de três centenas de gravuras executadas ao longo de cerca de 1500 m do vale do rio, numa mancha de afloramentos xistosos por ele atravessados algumas dezenas de km a montante da confluência com o Douro.

Se este padrão vier a ser confirmado pela continuação dos trabalhos, ele sugere, por um lado, que os três rios terão tido para as populações do Paleolítico Superior uma importância equivalente e, por outro, que essa importância seria muito superior à dos restantes cursos de água da região. Se tivermos em contas as condições paleoambientais da época, a razão de ser dessa importância diferencial torna-se simples de compreender.

As modelizações actualmente disponíveis¹⁰ indicam, com efeito, que, no Sudoeste da Europa, durante o último Pleniglaciário, a precipitação média anual terá sido cerca de 50% inferior aos valores actuais. No Alto Douro e regiões adjacentes da Meseta, isso pode ter significado descidas para valores da ordem dos 150 a 300 mm por ano. Em consequência, só teriam água todo o ano os rios alimentados pela fusão dos glaciares que, por essa época, se acumulavam nas montanhas da Cordilheira Cantábrica, da Cordilheira Central Ibérica e do prolongamento desta última por território português — a Serra da Estrela. Seriam, por isso, artérias vitais nas migrações das manadas de grandes herbívoros e, portanto, fatalmente, eixos estruturantes do povoamento humano de toda esta vasta região.

⁸ equipa dirigida por A. Sá Coixão, arqueólogo da Associação Cultural Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão e consultor de arqueologia da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa.

⁹ BALBÍN, R.; ALCOLEA, J.; SANTONJA, M.; PÉREZ, R. (1991) — *Siega Verde (Salamanca). Yacimiento artístico paleolítico al aire libre*, in SANTONJA, M. (ed.) — «Del Paleolítico a la Historia», Salamanca, Museo de Salamanca, p. 33-48. BALBÍN, R.; ALCOLEA, J.; SANTONJA, M. (1995) — *El yacimiento rupestre paleolítico al aire libre de Siega Verde (Salamanca, España): una visión de conjunto*, «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», 35 (3), p. 73-102.

¹⁰ GATES, W. (1976) — *Modeling the Ice Age Climate*, «Science», 191, p. 1138-1144. GUIOT, J.; PONS, A.; BEAULIEU, J.-L.; REILLE, M. (1989) — *A 140,000-year continental climate reconstruction from two European pollen records*, «Nature», 338, p. 309-313.

De todos os afluentes do Douro que atravessam as terras de xisto do Alto Douro português, o Côa é o único cuja bacia hidrográfica drena a vertente NE da Serra da Estrela, precisamente aquela onde se formaram as mais importantes línguas glaciares por que se prolongava encosta abaixo a espessa massa de gelo então acumulada no planalto somital.¹¹ Ao contrário do que sucede hoje em dia, em que é um rio de regime mediterrânico que seca frequentemente no Verão, o Côa pleniglaciário seria um curso de água permanente e caudaloso numa região em que, paradoxalmente, a secura ambiental seria muito superior à actual. A sua importância para os grupos de caçadores que a habitavam era portanto, necessariamente, muito grande, e é dessa importância vital que a arte rupestre que ainda hoje marca o curso do rio nos troços em que as condições geológicas foram favoráveis à preservação constitui o sintoma mais evidente.

Estimativas de quantidade

No Côa e nas vertentes adjacentes da margem esquerda do Douro conhecem-se, actualmente, 22 conjuntos de rochas gravadas, 15 dos quais com arte paleolítica; nestes últimos, o total de rochas gravadas já contadas é de 194. Admitindo que, destas, cerca de 80% conterão motivos paleolíticos, percentagem que é a que se apurou para a Canada do Inferno, pode estimar-se em cerca de 150 o total de painéis de arte paleolítica actualmente conhecidos na zona. Deve ter-se em conta, porém, que só na Ribeira de Piscos e na Penascosa é que os números actuais podem ser considerados próximos da realidade, uma vez que os sítios em causa foram já objecto de alguma prospecção sistemática visando a detecção das gravuras filiformes, as quais, quando patinadas ou cobertas de líquenes, são muito difíceis de detectar à luz do dia. Nesses dois sítios, as prospecções realizadas à noite mais do que duplicaram os inventários.

Por outro lado, ainda não puderam ser feitas prospecções sistemáticas de todos os afloramentos xistosos da região potencialmente portadores de manifestações artísticas. Os trabalhos têm-se concentrado na documentação dos conjuntos que foram sendo descobertos até ao Verão de 1995, seja pelas equipas de arqueólogos seja por habitantes locais. Tendo ainda em conta que, entre a foz da Ribeira de Piscos e o Vale da Casa, as margens do Côa e do Douro se encontram actualmente submersas a profundidade variável, os 150 painéis acima referidos só podem ser considerados como um número mínimo.

Na Canada do Inferno, a média de representações paleolíticas de animais figuradas em cada conjunto é, para os já decalcados, de sete por rocha; na Penascosa, essa média é de 8,5. Aplicando qualquer um destes multiplicadores aos 150 painéis acima referidos, obtém-se um valor superior ao milhar para a quantidade de zoomorfos paleolíticos existente nas rochas já inventariadas. Também este número, porém, deve ser considerado como um valor mínimo que a continuação dos trabalhos não deixará, seguramente, de aumentar em proporção considerável.

Para um termo de comparação do significado destas estimativas tenha-se em conta que, em Siega Verde, após oito anos de trabalho intensivo, foram recenseadas 94 superfícies gravadas, estendendo-se ao longo de cerca de 1500 m e contendo um total de cerca de 300 figuras zoomórficas gravadas.¹²

¹¹ DAVEAU, S. (1971) — *La glaciation de la Serra da Estrela*. «Finisterra», 6 (11), p. 5-40.

¹² BALBÍN et al., *op. cit.*

Técnicas de gravação

Os estudos já realizados permitiram reconstituir as técnicas utilizadas pelos gravadores paleolíticos. O reportório respectivo é o seguinte:

- incisão filiforme, mediante recurso a um instrumento resistente e pontiagudo, a repetição do gesto originando frequentemente o aparecimento de traços paralelos;
- picotagem, obtida através de percussão directa ou indirecta e definindo linhas que desenhavam contornos ou manchas que preenchem o interior dos corpos;
- abrasão, que consiste no desgaste da superfície rochosa por atrito e representa muitas vezes uma forma de acentuar ou regularizar um sulco preexistente realizado por incisão filiforme ou picotagem;
- raspagem, variante da abrasão em que o trabalho de desgaste é executado em extensão, e o desenho da figura é dado pelo contraste cromático existente entre a superfície original e a raspada.

Frequentemente, estas diversas técnicas foram utilizadas em sequência. São numerosos os exemplos em que se recorreu à incisão filiforme para esboçar o contorno do animal, sobre o qual a picotagem exerce um primeiro efeito de realce, aumentado pela transformação das linhas de pontos em sulcos contínuos obtidos por abrasão. Esta última fase nem sempre se estende a todo o corpo. Quando assim acontece, é sobretudo nos quartos dianteiros, e especialmente na cabeça, que se concentra a sua aplicação.

Pintura e gravura

A visibilidade das pinturas decorre da diferenciação cromática que se estabelece entre o fundo rochoso e o pigmento sobre ele aplicado pelo artista. No caso das gravuras, o contraste é produzido pela cor diferente que a rocha adquire no interior dos sulcos recém-gravados. A dificuldade que actualmente se verifica, por vezes, na leitura dos motivos gravados, deve-se à acção dos agentes erosivos, que anularam por completo o contraste cromático original, sendo hoje observáveis apenas os sulcos patinados.¹³ Tendo em conta o investimento considerável que representam as sequências técnicas incisão-picotado-abrasão, e a grande visibilidade original que teriam as figuras tratadas desta forma, é pouco provável que tais figuras constituíssem simples contornos destinados a ser realçados ou preenchidos por pintura, o mesmo se aplicando, por maioria de razão, às figuras raspadas ou a que se aplicou a técnica do gravado estriado (traço filiforme múltiplo subparalelo preenchendo a cabeça, o pescoço e, por vezes, o corpo todo). É no mesmo sentido que aponta também o exemplo da cábria da Rocha 1 de Rego da Vide, em que a intenção de transmitir os pormenores da pelagem foi realizada mediante o tratamento a picotado dos quartos dianteiros.

Há, porém, muitos casos de figuras filiformes de dimensão comparável à das mais elaboradas mas que nunca chegaram a ser objecto de aperfeiçoamento por picotado ou abrasão, a que faltam detalhes anatómicos geralmente presentes nas figuras acabadas e que, de um modo geral, transmitem a ideia de se tratar de esboços muito preliminares. É muito provável que, nesses casos, se

¹³ É por essa razão que a leitura dos desenhos é mais fácil a certas horas do dia, quando a incidência da luz solar cria um jogo de sombras que realça os contornos dos motivos desenhados. É também por isso que o seu registo, por decalque ou fotografia, tem sido realizado durante a noite, com luz artificial, de modo a optimizar esse tipo de efeitos.

esteja efectivamente perante representações em que a incisão filiforme desempenhava um simples papel auxiliar e cujo acabamento se fazia pela aplicação de pigmento, isto é, através de pintura, segundo um esquema técnico muito comum na arte paleolítica das grutas.

A degradação rápida do pigmento exposto aos agentes meteorológicos, porém, apagou definitivamente a obra acabada, deixando apenas, gravado na pedra, o seu esboço mais elementar. É curioso que, em muitas das estratigrafias figurativas já documentadas no vale do Côa, e de que é excelente exemplo a Rocha 1 da Canada do Inferno, as figuras elementares desse tipo correspondem precisamente à primeira fase decorativa. Este facto, a confirmar-se pela continuação dos trabalhos, sugere naturalmente a hipótese de que, inicialmente, a arte rupestre do Côa tenha sido dominada pela pintura, e que só mais tarde, talvez quando os artistas se aperceberam da perenidade ou, pelo menos, maior longevidade, das representações gravadas, estas tenham passado a ser preferidas. O facto de os colorantes minerais normalmente usados na pintura paleolítica (ocre vermelho e amarelo) estarem bem representados nos níveis gravettenses do Salto do Boi mas não ocorrerem, pelo menos até ao momento, nas jazidas do Magdalenense superior/final da Quinta da Barca e da Quinta da Barca Sul (apesar de as áreas escavadas nestas últimas serem bastante superiores) é compatível com esta hipótese.

Particularismos e inovações

As espécies animais mais comuns na arte paleolítica do vale do Côa são os auroques, os cavalos, as cabras e os veados. A não representação dos animais de clima frio que por vezes ocorrem nas grutas da região franco-cantábrica (bisontes, rinocerontes lanígeros, renas ou mamutes) é, no caso do Côa, absolutamente normal, uma vez que tudo leva a crer que esses animais não existissem na região.

Trata-se de uma arte rupestre, ao ar livre, tal como é de norma na Pré-História recente, mas como era extremamente raro, até agora, no que diz respeito ao Paleolítico. As superfícies gravadas com temas paleolíticos encontram-se em regra em paredes verticais, não se podendo excluir a possibilidade de também ter havido representações em superfícies horizontais subsequentemente destruídas pela erosão. Como é de norma na arte paleolítica, faz-se, sempre que possível, um uso extensivo do relevo natural dos suportes para realçar a volumetria das representações, técnica de que o cavalo completo da Rocha 1 de Ribeira de Piscos ou o peixe da Rocha 5A da Penascosa constituem excelentes exemplos.

Do ponto de vista estético e estilístico, a arte paleolítica do Côa apresenta com frequência uma característica particular, desconhecida na arte parietal franco-cantábrica: a associação de duas ou três cabeças ao corpo de um mesmo animal, na tentativa de transmitir a ideia de movimento. Por vezes, procurou-se representar o movimento descendente da cabeça, quando o animal se baixa para pastar, para beber ou, como no exemplo da cena de acasalamento da Rocha 4 da Penascosa, para copular; este tipo de animação ocorre sobretudo com cavalos, mas também se conhecem exemplos em que a técnica foi aplicada a auroques. Noutros casos, procurou-se representar o movimento de torção do pescoço, quando o animal se volta para trás, técnica que se aplicou quase exclusivamente a cabras, embora se conheçam exemplos avulsos de veados e de auroques tratados dessa forma. O recurso a técnicas de animação está bastante bem documentado na Penascosa e na Quinta da Barca, embora também haja

bons exemplos na *Canada do Inferno*, e parece exclusivo das figuras grandes e elaboradas.

Por outro lado, estes exemplos iluminam com uma luz nova o painel principal de *Mazouco*, em relação ao qual tem vindo a ser colocada em alternativa a existência de apenas uma ou de duas figuras de cavalos. Na realidade, tratar-se-á, com toda a probabilidade, de uma representação animada, em que a duplicação das linhas do ventre e dos quartos traseiros transmite de forma muito expressiva, juntamente com a cabeça levantada e a sinuosidade da linha cervico-dorsal, a posição do animal que aterra sobre as patas dianteiras após o salto.

Aceitando esta reinterpretação do cavalo do *Mazouco*, o uso sistemático de técnicas de animação seria praticado, portanto, não só no Côa mas em todo o Alto Douro português, embora pareça ser desconhecido nas jazidas da Meseta espanhola, nomeadamente em *Siega Verde*. Se esta diferença vier a ser confirmada pela investigação futura, o uso deste recurso iconográfico poderá ser interpretado como um importante marcador regional, de significado cultural/étnico. Em qualquer dos casos, é, tal como a frequente representação de cenas da vida social das espécies animais figuradas, uma das grandes contribuições da arte do Côa à renovação dos conhecimentos sobre a arte paleolítica europeia.

Tendências diacrónicas

A evolução da arte móvel (pintura e gravura sobre vários milhares de plaquetas de pedra) da gruta do *Parpalló* (Valencia, Espanha), onde ocorre ao longo de mais de 6 m de uma sequência estratigráfica que arranca no Gravettense e termina no Magdalenense superior,¹⁴ constitui o único padrão cronológico-estilístico sobre o qual se pode basear uma primeira tentativa de esboçar a periodização interna do ciclo paleolítico da arte do Côa. Por outro lado, o facto de uma simples confrontação superficial das figuras dos dois conjuntos evidenciar de imediato um notável paralelismo nas convenções de representação utilizadas fundamenta, do ponto de vista lógico, a validade de uma tal abordagem comparativa.

A análise das sobreposições existentes nas rochas do próprio Côa confirma de forma independente as inferências cronológicas derivadas dessa comparação. As cabeças de cavalo com crina em degrau, inclinada sobre a fronte, queixada acentuadamente convexa, e focinho em bico de pato, são, na jazida valenciana, características dos momentos arcaicos da sequência (Gravettense e Solutrense). No Côa, sempre que um painel apresentasse figuras denotando, com base nos paralelos com o *Parpalló*, a existência de diferentes fases de decoração, as cabeças de cavalo desse tipo deveriam, portanto, figurar entre as mais antigas representações e estar situadas na base das estratigrafias figurativas.

Os levantamentos já feitos verificam, em todos os casos, essa expectativa. Na Rocha 3 da *Penascosa*, um exemplo absolutamente típico de cabeça de cavalo arcaica pertence à segunda fase de gravação, tendo sido executada por cima de um conjunto de representações de cabras e antes de três fases diferentes de gravação de auroques. Na Rocha 5A, a situação repete-se: um cavalo idêntico encontra-se gravado por cima de uma cabra, e é sobreposto por dois auroques e um grande cavalo cuja crina foi representada de forma muito diferente (delimitada por dois traços curvos). Em ambas as rochas, os dois cavalos

¹⁴ VILLAVERDE, V. (1994) — *Arte paleolítica de la Cova del Parpalló. Estudio de la colección de plaquetas y cantos grabados y pintados*, 2 vols., València, Servei d'Investigació Prehistòrica de la Diputació de València.

arcaicos estão gravados a picotado de negativos largos, pouco profundos, enquanto as figuras que se lhes sobrepõem foram feitas a picotado mais regular, seguido de abrasão. Note-se ainda que, em situações de sobreposição, os cavalos de crina delimitada por dois traços curvos tendem a ser as representações mais recentes. Para além da Rocha 5A da Penascosa, é isso que se verifica também, por exemplo, na Rocha 1 da Canada do Inferno, onde a cabeça inclinada para baixo do cavalo de duas cabeças apresenta uma crina desse tipo e foi a penúltima figura do painel a ser gravada.

Com base nestes critérios, e incluindo na comparação também os modos de representação das cabeças de auroques, constata-se, assim, que a arte paleolítica do Côa se deve caracterizar por uma diacronia paralela à da sequência do Parpalló; todas as fases do Paleolítico Superior, a partir do Gravettense, estarão, portanto, representadas no vale. Isto significa que o ciclo paleolítico do Côa terá cerca de 15 000 anos de duração, ou seja, que o período de tempo decorrido entre as mais antigas e as mais recentes manifestações desse ciclo terá tido duração igual ou superior à do que separa do presente as últimas figuras paleolíticas.

A ser assim, nos painéis em que se verificasse a ocorrência simultânea de figuras da fase mais arcaica e de figuras da fase mais recente, as primeiras deveriam apresentar uma patinação diferencial significativa. É o que acontece na Rocha 14 da Canada do Inferno, em que o cavalo picotado de estilo recente, atribuível ao Magdalenense superior, se apresenta bastante mais fresco do que o cavalo picotado de estilo arcaico, atribuível ao Gravettense ou ao Solutrense. O significado cronológico desta diferença é confirmado pela análise da estratigrafia do painel: o cavalo estilisticamente arcaico é de realização anterior à de uma série de figuras filiformes preenchidas com traço múltiplo (técnica do gravado estriado); o cavalo estilisticamente recente, porém, encontra-se-lhes sobrejacente. A ordem de execução destas três fases de gravação está de acordo com a que se depreenderia de considerações puramente estilísticas derivadas da comparação com a arte móvel do Parpalló, onde as figuras em gravado estriado são típicas do Solutrense superior e do Magdalenense antigo.

Usando este tipo de raciocínios, e tendo em conta o estado embrionário em que ainda se encontra a análise dos painéis do Côa, que não permite, de momento, ir além da simples consideração dos casos mais sugestivos, torna-se possível sugerir a identificação de alguns padrões de significado cronológico, que deverão ser verificados pela investigação futura. Assim:

- as cabras, auroques e cavalos parecem ser as espécies melhor representadas nas fases mais antigas do ciclo paleolítico; estas espécies constituem também a fauna mais comum nos sítios arqueológicos do Paleolítico superior de Portugal anteriores ao Magdalenense, período em que as arqueofaunas de herbívoros passam a ser esmagadoramente dominadas pelo veado;¹⁵ em conformidade, esta espécie parece ser a mais abundante entre as representações filiformes do Côa estilisticamente atribuíveis ao Magdalenense;
- as fases mais antigas do ciclo paleolítico parecem estar confinadas ao fundo dos vales, ao longo das margens do Côa e da ribeira de Piscos, só em raros casos atingindo cotas da ordem dos 40 m acima da água, e nunca as ultrapassando; nas fases mais recentes, porém, a decoração parece subir encosta acima e, além disso, penetra até às próprias cabecei-

¹⁵ ZILHÃO, J. (1995) — *O Paleolítico Superior da Estremadura portuguesa*, Lisboa, Universidade de Lisboa (dissertação de doutoramento).

ras dos pequenos afluentes, como se verificou já ser o caso em Vale Cabrões ou no Vale da Casa;

- é nas fases mais recentes que se difundem as gravuras filiformes de pequeno tamanho (menos de 20 cm), as quais, por outro lado, numericamente, parecem tornar-se agora dominantes; inversamente, as grandes figuras picotadas e abradidas são sobretudo do período compreendido entre o final do Gravettense e o Magdalenense antigo.

Significado das sobreposições

Uma das características mais notáveis da arte do Côa, pela qual ela se afasta dos outros contextos de arte livre conhecidos, como Siega Verde, para, paradoxalmente, se aproximar da arte parietal das grutas e abrigos da região franco-cantábrica, é a frequência com que ocorrem as situações de sobreposição de muitas figuras.

Se essas situações têm a vantagem óbvia de permitir estabelecer estratigrafias estilísticas de importância vital para a análise diacrónica do ciclo paleolítico do Côa, elas têm, por outro lado, a desvantagem de dificultar a leitura individual de cada um dos motivos, gerando o que, muitas vezes, parecem ser emaranhados quase indecifráveis de traços. Essa desvantagem resulta, à primeira vista, difícil de entender, sobretudo tendo em conta que, com frequência, os artistas dispunham, na mesma superfície, de muito espaço adjacente que nunca chegou a ser usado, como acontece na Rocha 3 da Penascosa ou na Rocha 1 da Canada do Inferno.

É preciso não esquecer, porém, que o intervalo entre os diferentes episódios de gravação pode ter sido de alguns milhares de anos, e que, quando assim foi, as gravuras recém-executadas eram muito mais visíveis do que as anteriores, já patinadas. Isto é, aquilo que, aos olhos do observador actual, é um palimpsesto onde, de um modo geral, só a análise da sobreposição dos traços permite identificar a ordem de execução, constitui o resultado dos 10 000 anos de alteração superficial acrescida por que passaram todas as gravuras do ciclo paleolítico, entre o respectivo termo e o tempo presente. Na realidade, porém, em cada uma das fases do ciclo, não devia ser difícil ao observador coevo distinguir cromaticamente entre as gravuras antigas cujos traços se começavam a confundir com a cor do fundo rochoso, e as novas, aquelas que, a cada momento, estariam funcionalmente operacionais. Neste contexto, é fácil de compreender que, para o artista paleolítico e o seu «público»:

- a presença de gravuras antigas patinadas não constituía obstáculo à boa leitura das novas;
- essa presença fornecia uma confirmação adicional da importância simbólica do espaço do painel em que eram executados os novos desenhos, e permitia encadear estes na tradição ancestral que dava sentido, mitológico, social ou económico, à marcação figurativa das rochas de um determinado local.

É também interessante notar que a longa diacronia apresentada por diversos painéis, de que a Rocha 14 da Canada do Inferno é excelente exemplo, contrasta com a raridade dos casos em que gravuras pós-paleolíticas se vieram

sobrepôr às paleolíticas. Sem esquecer que a quantidade de tempo envolvida é da ordem dos 15 000 anos, este contraste permite reforçar, de outro ângulo, a hipótese segundo a qual o primeiro ciclo artístico do Côa representa uma tradição em que o traço mais marcante não será tanto a variação no estilo como a continuidade existente ao nível dos sentidos mais profundos dos comportamentos de que as representações zoomórficas gravadas na pedra constituem, hoje, a única expressão remanescente.

Diversidade da implantação topográfica

Uma das áreas de estudo mais promissoras abertas pela descoberta do Côa é a da análise da implantação dos painéis na paisagem, bem como a da variação do seu conteúdo figurativo em função dos padrões de localização que vierem a ser detectados. Isolados os factores de natureza tafonómica ou diacrónica, essa análise poderá permitir uma abordagem da multiplicidade funcional das manifestações artísticas que supere as explicações totalizantes e unívocas («arte pela arte» versus «arte religiosa» versus «arte mágica» versus «arte totémica» versus «arte territorial», etc.) que até hoje têm dominado a interpretação do significado da arte paleolítica.

Os trabalhos já realizados permitem, a este respeito, avançar algumas caracterizações muito preliminares, entre as quais as seguintes:

- os núcleos artísticos mais importantes (Penascosa/Quinta da Barca e Canada do Inferno) parecem estar situados nos afloramentos que rodeiam as duas melhores praias fluviais do troço xistoso do vale; parece difícil de evitar, assim, a conclusão de que, apesar de a fase erosiva do final do Plistocénico ou do início do Holocénico ter destruído os vestígios de eventuais acampamentos, se trata, nestes casos, de uma arte relacionada com o habitat;
- há figuras de grande dimensão (como os três auroques com cerca de 2 m que decoram o primeiro afloramento de tamanho apropriado que surge no Côa quando, ao viajar em direcção à foz, passada a confluência com a ribeira de Piscos, se penetra no canhão terminal) cuja execução exigiu a instalação de andaimes e que, dada a inclinação da vertente, não podiam ser vistas de perto; nestes casos, parece inevitável concluir que se tratará de marcadores territoriais cujo significado exacto (sinalização de caminhos, delimitação de fronteiras, indicação simbólica dos recursos económicos existentes ou do modo como a sua exploração deveria ser executada, etc.) permanece, pelo menos por enquanto, inacessível;
- há figuras de pequena dimensão, geralmente filiformes, dispersas, sem ordem aparente, pelas encostas, «decorando» de modo quase indiscriminado os diversos afloramentos nelas existentes; o seu tamanho e posicionamento sugerem uma relação com comportamentos menos «públicos» do que os testemunhados pelas duas categorias anteriores.

Algumas concentrações estão igualmente situadas junto a acidentes geológicos importantes, tais como falhas transversais ao vale (na foz da ribeira de Piscos) ou afloramentos de filões ou bandas de rochas mais duras com orientação idêntica (na Penascosa/Quinta da Barca). É possível que estes

acidentes tenham condicionado o curso do rio por formas que as alterações modernamente causadas pelo homem nos impedem, hoje em dia, de apreender plenamente. Não é impossível, por exemplo, que estes locais tenham correspondido, no passado, a passagens a vau, como sugere, aliás, o facto de terem sido escolhidos para a instalação de açudes relacionados com o funcionamento de azenhas.

Na foz de Piscos, a submersão do fundo pela albufeira do Pocinho não permite verificar a hipótese, embora a carta cadastral assinale efectivamente a existência de um açude antigo. No entanto, à entrada da Penascosa, onde o rio atravessa uma banda de rochas mais duras, há, de facto, uma passagem a vau ainda hoje utilizada. Certamente não por coincidência, a linha de água que desagua defronte encontra-se profusamente decorada, e a rocha mais próxima da margem, sinalizando a entrada para o pequeno vale encaixado que dá acesso aos terrenos aplanados da Quinta da Barca (e que, quando se desce o Côa, é também a primeira rocha gravada que se encontra na margem esquerda do rio desde a Faia), é a que apresenta o mais denso e espectacular conjunto de sobreposições até hoje identificado no vale, ao ponto de ser informalmente designada como a «rocha do esparguete». No contexto das observações acima explanadas, este facto sugere uma perduração longa da importância do sítio, para a qual terão seguramente contribuído as suas características topográficas e o papel que, em consequência, desempenhava nas estratégias de ocupação humana do vale.

IMPORTÂNCIA CIENTÍFICA E PATRIMONIAL

Os resultados já obtidos permitem confirmar plenamente as caracterizações sobre a importância da arte do Côa que foram sendo avançadas ao calor das descobertas. Salientam-se, de seguida, os aspectos principais que corporizam essa importância:

1.

o vale do Côa contém, ao longo de 17 km, manifestações de arte rupestre pré-histórica e histórica que conformam uma sequência artística praticamente ininterrupta iniciada há mais de 20 000 anos; dito de outro modo, é um dos maiores museus de História de Arte ao ar livre de todo o mundo, e o único actualmente conhecido cujo «acervo» apresenta tão grande profundidade temporal e tão grande continuidade;

2.

a grande maioria das representações data da fase mais antiga da sequência, a correspondente ao Paleolítico Superior; os paralelos estilísticos indicam que as primeiras gravuras rupestres do vale serão do final do Gravettense, isto é, anteriores a 21 000 BP, e que este primeiro ciclo artís-

tico se terá prolongado até ao final do Magdalenense, por volta de 10 000 BP; a ocupação humana do vale nestas épocas pôde já ser objecto de confirmação independente, pela descoberta e escavação de contextos de habitat característicos e bem conservados;

3.

a dimensão do território abrangido e a quantidade de painéis e de figuras paleolíticas gravadas no Côa e nas vertentes adjacentes da margem esquerda do Douro é de uma escala sem precedentes; as outras ocorrências de conjuntos artísticos desta época situados ao ar livre correspondiam, em três casos (Mazouco, Piedras Blancas e Fornols-Haut), a uma única rocha com uma ou algumas figuras, noutro (Domingo Garcia), a um conjunto de sete rochas com poucas dezenas de figuras e, no outro (Siega Verde), a um conjunto de 94 rochas com cerca de três centenas de figuras espalhadas ao longo de 1,5 km; no Côa, ainda numa fase inicial dos trabalhos, o número de figuras zoomórficas existente nas mais de 150 rochas já identificadas (estimado a partir da amostra estudada) ultrapassa o milhar e distribui-se por um território muito mais extenso e que ainda só parcialmente foi prospectado;

4.

a descoberta do Côa representa, por isso, uma revolução copernicana, só comparável à descoberta de Altamira, no entendimento que até hoje prevalecia sobre o significado das mais antigas manifestações artísticas da Humanidade; não se trata de uma arte religiosa ligada às profundezas da terra e confinada às grutas, mas de um comportamento de marcação da paisagem com conteúdos simbólicos que abrangia todo o território utilizado pelos caçadores paleolíticos;

5.

a arte rupestre do Côa contém representações cuja qualidade estética, no domínio da gravura paleolítica, não tem rival; além disso, revela particularismos inteiramente inovadores, nomeadamente no capítulo da animação, em que documenta a primeira utilização de técnicas de representação do movimento só reinventadas no século XX;

6.

a integração da arte rupestre numa paisagem de rara beleza onde se conservam outros vestígios arqueológicos e arquitectónicos de grande interesse fornece a oportunidade de explorar de forma integrada os valores naturais e culturais da região no quadro de um Parque Arqueológico, com fins educativos e de promoção do desenvolvimento regional.

LEGENDA

DEPÓSITOS DE COBERTURA

Quaternário	Holocénico	Aluviões com e sem cascalheiras	
		Colúmbios	
		Depósitos de vertente	
	Pleistocénico	Cascalheiras poligénicas, arenitos e argilas (terraços fluviais)	
Terciário - Quaternário	Plio-Pleistocénico	Depósitos do tipo renha	
	Arcoses de Vilaça	Conglomerados poligénicos de matriz arcóica, argilosas escuras e arcóicas claras (*)	
Ordovício	Ameghino	FORMAÇÃO QUARTZÍTICA: Quartzitos inferiores e Xistos intermédios (?); Quartzitos compactos decamétricos, métricos e decimétricos (?) alternantes com metapelitos cinzentos escuros ou avermelhados e metagranitos	
	Tremadociano (?)	FORMAÇÃO DE SÃO GABRIEL: Filitos e metapsamitos esbranquiçados com intercalações de finos níveis avermelhados e negros	
Cambriano	Grupo do Ouro	ALÓCTONE	
		FORMAÇÃO DE DESEJOSA: Filitos "lustrados" com intercalações de metagrauwuques, metagranitoesques e "calcosilicatos"	
		FORMAÇÃO DE PINHAO: Filitos cloríticos, quartzos-cloríticos e metagranitoesques com filitos negros (**), magnetite (*) e metacalcários (*)	
	Supergrupo Durão-Bela ("Complexo Xisto-Granulítico")	FORMAÇÃO DE RIO PINHAO: Metagranitoesques com intercalações de filitos "lustrados", metagranitoesques de matriz calcossilicada ou calcária (***), metacalcários, calcossilicatos, escarnitos (*) e filitos negros (*)	
MADRÃO DE FREIXO DE NUNÃO	PÓS-TECTÓNICOS RELATIVAMENTE A F ₃	GRANITÓIDES HERCÍNICOS	
		Granito de Freixo de Nunão (Vila da Ponte): porfírido, de matriz média, de duas micas	
MADRÃO DE NUNÃO	TARDIA PÓS-TECTÓNICOS RELATIVAMENTE A F ₃	Granito de Frei Tomás: grão fino, de duas micas	
		Granito de Quinta de Silve: grão médio, moscovítico, com turmalina	
		Granito de Custóias: grão médio a grosseiro, moscovítico, com sulfuretos	
		Granito de Cechêlo do Amozal: porfírido, de matriz média, de duas micas, com xenólitos de metassedimentos	

ANTIFORMA LAMEGO - PENEDONHO - ESCALHÃO

PÓS-TECTÓNICOS RELATIVAMENTE A F ₃	Granito de Alto Rio Torto (Vila da Ponte): porfírido, de matriz grosseira, de duas micas	
TARDIA PÓS-TECTÓNICOS RELATIVAMENTE A F ₃	Granito de Quinta de Vale Flor: grão médio, moscovítico, com turmalina	
TARDIA-TECTÓNICOS RELATIVAMENTE A F ₃	Granito de Souto-Ranhados (Laboreira): grão grosseiro, de duas micas, essencialmente moscovítico	
SINTECTÓNICOS RELATIVAMENTE A F ₃	Granito de Ribeira de Massueira: porfírido, de matriz média, de duas micas, essencialmente biotítico	
	Granito de Santa Comba - Algodres: grão grosseiro, de duas micas, por vezes casilhado	
	Granito de Mida (Sra. da Graça): grão médio, de duas micas	
	Granito de Tomadães (Salzedas e Penedono): grão fino, de duas micas	
	Granodiorito de Chã: grão médio, predominantemente biotítico, em geral orientado	
FILÕES E MASSAS		
	Microgabro e basalto alcalino	
	Quartzos	
	Pegmatito (y-sil., s-pilto s/ou apilto-pegmatito (y-s))	
	Pórfiro granítico / nolitico	

Paleolítico Superior do Vale do Côa

0 3 km

- SÍTIOS DE HABITAT
- ARTE RUPESTRE

SÍTIOS DE HABITAT

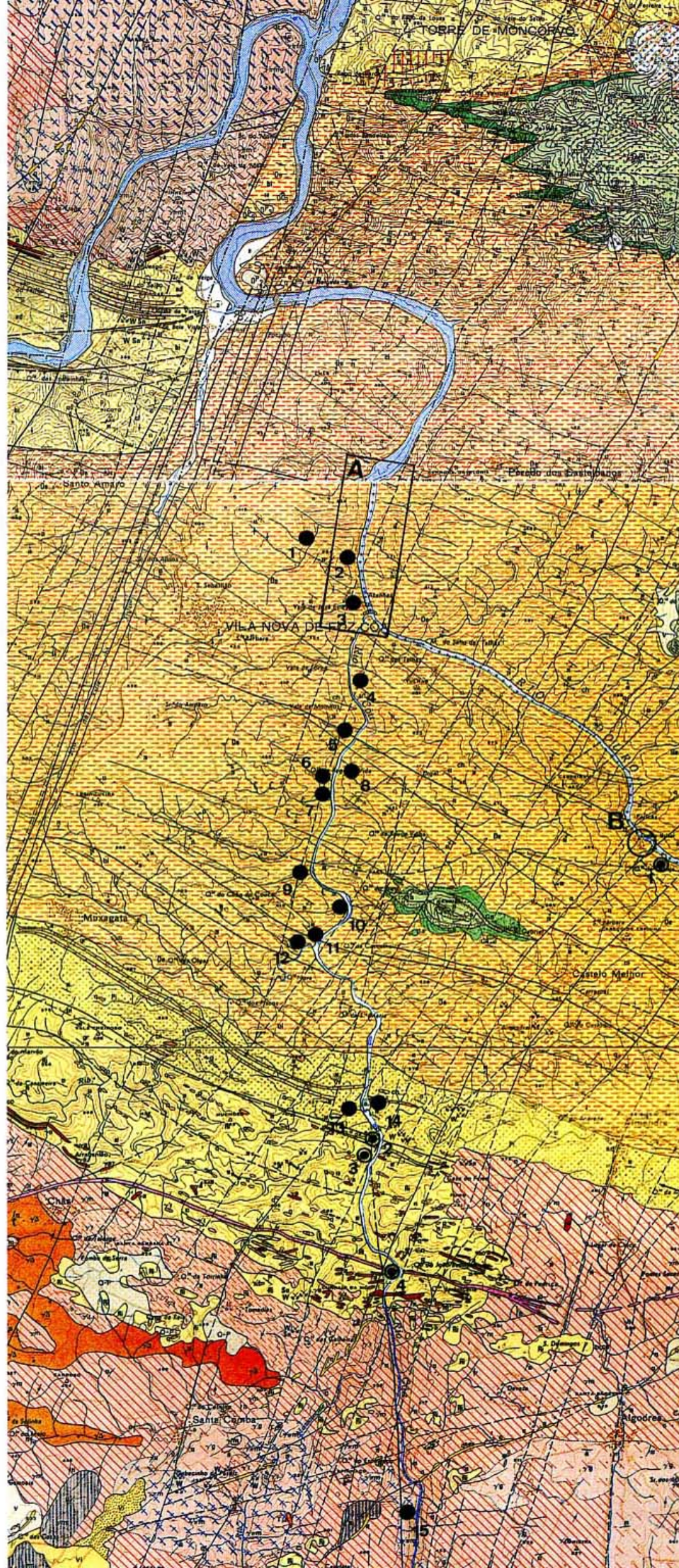
- 1 Quinta da Granja
- 2 Quinta da Barca
- 3 Quinta da Barca Sul
- 4 Salto do Boi

ARTE RUPESTRE

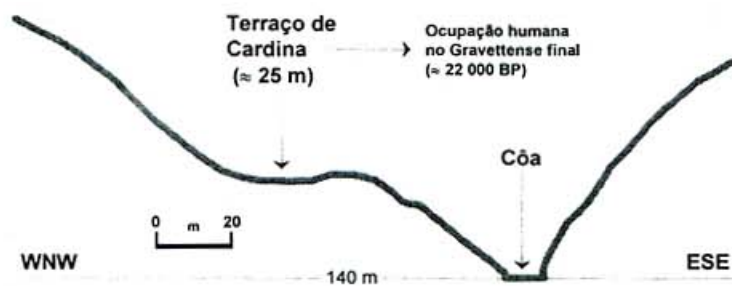
- 1 Vale de Cabrões
- 2 Vermelhosa
- 3 Vale de José Esteves
- 4 Broeira
- 5 Vale de Moinhos
- 6 Rego da Vide
- 7 Canada do Inferno
- 8 Canada do Amendoal
- 9 Vale de Figueira
- 10 Fariseu
- 11 Foz de Piscos
- 12 Ribeira de Piscos
- 13 Quinta da Barca
- 14 Penascosa
- 15 Faia

GRAVURAS PALEOLÍTICAS SUBMERSAS (segundo informadores locais, por confirmar)

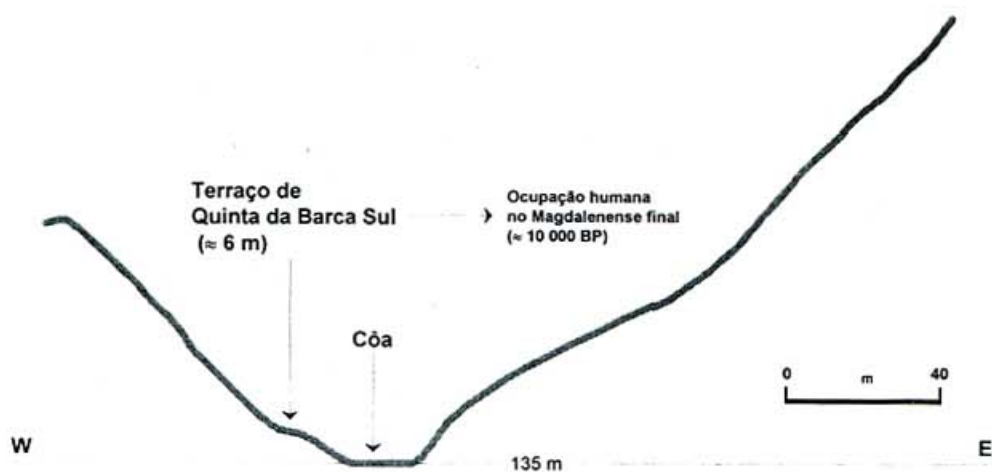
- A Douro, entre Vale da Casa e Foz do Côa
- B Foz da Ribeira de Aguiar



Terraços fluviais do vale do Côa



Corte transversal no Salto do Boi



Corte transversal a sul de Quinta da Barca



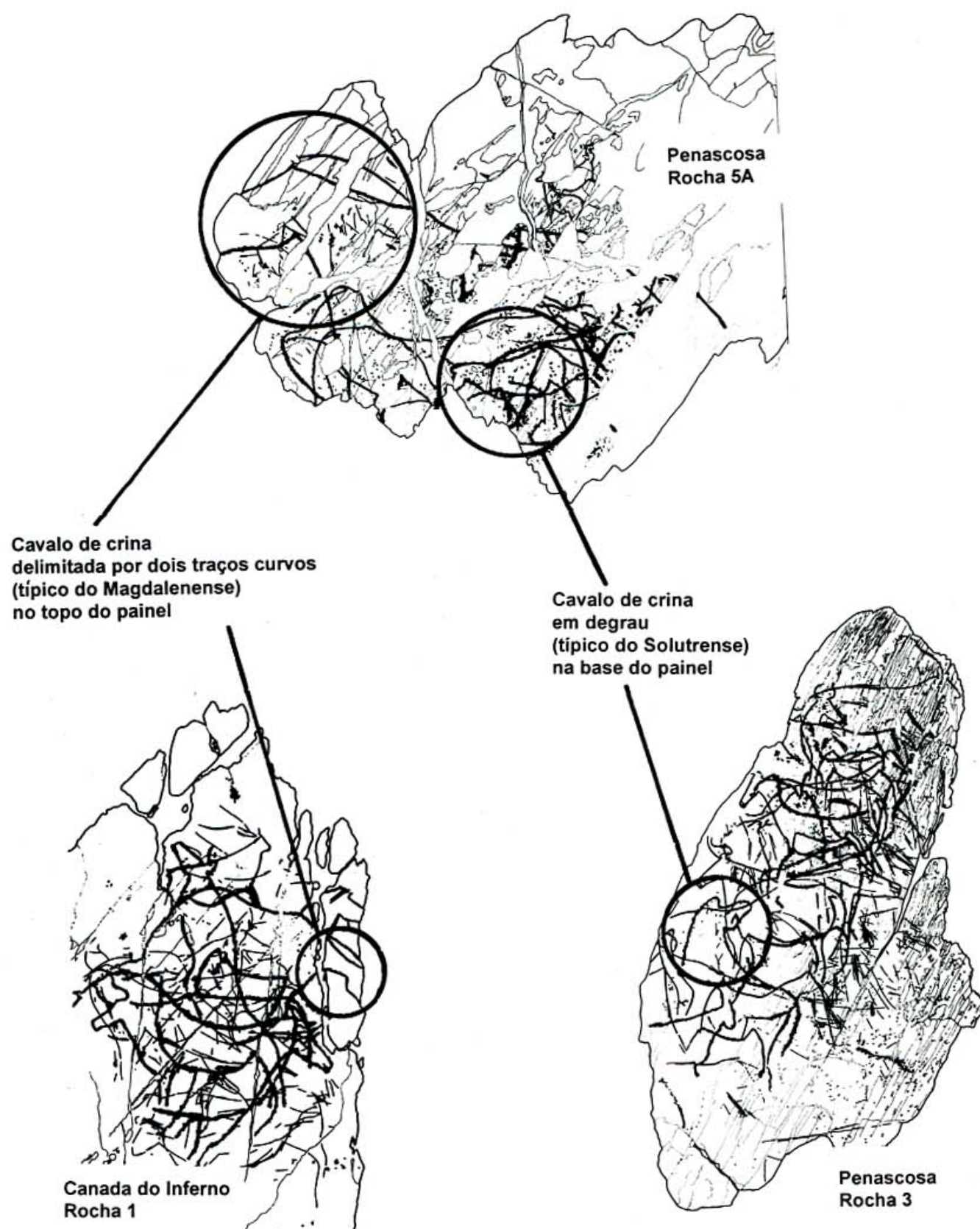
Corte transversal na Praia da Penascosa



Vermelhosa

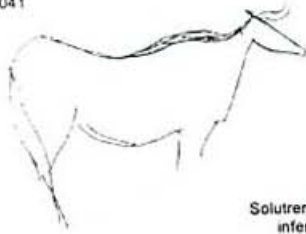
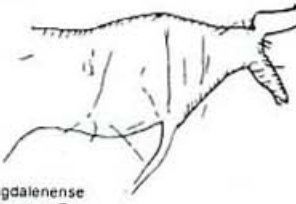
**Cavaleiro da Idade do Ferro
sobre cervídeo paleolítico**



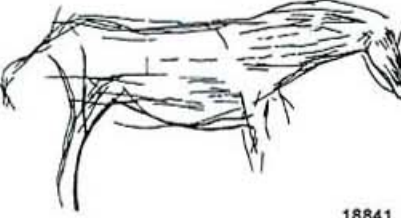
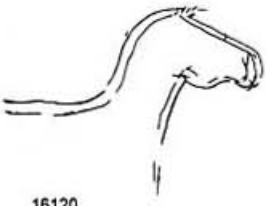


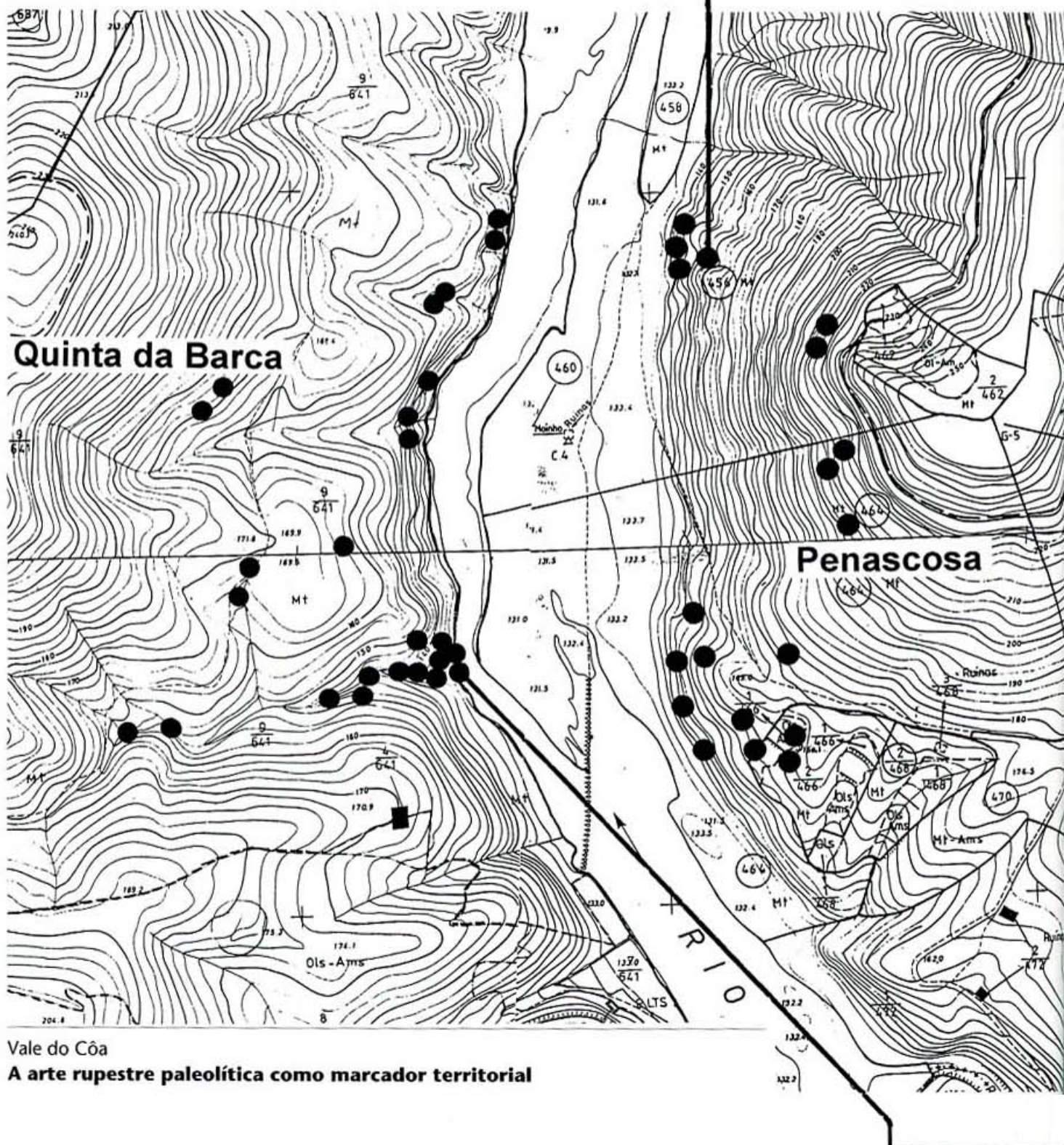
Arte rupestre paleolítica do Vale do Coa
Estratigrafias figurativas

Cabeças de auroque	Gruta do Parpalló (Valencia)	Vale do Côa
	Solutrense médio	presente Penascosa (picotado)
	Solutrense superior Solutreo-gravettense Magdalenense antigo	presente Canada do Inferno (picotado)
	Magdalenense superior	presente Vale de Cabrões (filiforme)

Evolução estilística das representações de auroques nas plaquetas de pedra gravadas da gruta do Parpalló (Valencia)	
16041 	19016 
Solutrense inferior	Magdalenense antigo tipo A
19357 	
Magdalenense antigo tipo B	Magdalenense superior 20175

Evolução estilística das representações de cavalos nas plaquetas de pedra gravadas da gruta do Parpalló (Valencia)

Gravettense e Solutrense inferior	Solutrense superior e Solutreo-gravettense	Magdalenense antigo	Magdalenense superior
 16113	 17989	 18841	 20115
 16120	 17767	 19349	 20044



Vale do Côa
A arte rupestre paleolítica como marcador territorial



Grande veado da Rocha 10C

em painel virado para jusante e situado numa encosta inclinada, 30m acima do fundo do vale, executado por raspagem (que criava uma mancha branca sobre fundo castanho-avermelhado com uma área de 1m²), era visível a grande distância por quem subisse o vale, marcando a entrada na praia da Penascosa



«Rocha do esparguete»

emaranhado de figuras sobrepostas, em painel situado à entrada da linha de água que desagua defronte da passagem a vau, sinalizando o acesso aos terrenos aplanados de cota superior da Quinta da Barca, marcado ao longo do caminho por uma série de outros painéis decorados.

